



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL  
CURSO DE LETRAS – INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

**THAÍS VALÉRIA GUIMARÃES DOS SANTOS**

**Os traumas oriundos das relações familiares de  
Marianne no romance *Pessoas normais*, de Sally Rooney**

Porto Nacional /TO  
2021

**THAÍS VALÉRIA GUIMARÃES DOS SANTOS**

**Os traumas oriundos das relações familiares de  
Marianne no romance *Pessoas normais*, de Sally Rooney**

Artigo foi avaliada(o) e apresentada (o) à UFT –  
Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Porto Nacional, Curso de Letras para  
obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua  
Inglês e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Rejane de Souza Ferreira

Porto Nacional/TO  
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- S237t Santos , Thaís Valéria Guimarães dos.  
Os traumas oriundos das relações familiares de Marianne no romance  
Pessoas normais, de Sally Rooney. / Thaís Valéria Guimarães dos Santos . –  
Porto Nacional, TO, 2021.  
20 f.  
  
Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Inglesa e  
Literaturas, 2021.  
Orientador: Rejane de Souza Ferreira  
  
1. Família . 2. Violência Doméstica . 3. Trauma . 4. Irlanda . I. Título

**CDD 420**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

# FOLHA DE APROVAÇÃO

THAÍS VALÉRIA GUIMARÃES DOS SANTOS

Os traumas oriundos das relações familiares de  
Marianne no romance *Pessoas normais*, de Sally Rooney

Artigo foi avaliada(o) e apresentada (o) à UFT –  
Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Porto Nacional, Curso de Letras para  
obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua  
Inglês e suas respectivas literaturas sob orientação da  
Profa. Dra. Rejane de Souza Ferreira.

Data de aprovação: 14/ 08 / 2021.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rejane de Souza Ferreira (Orientadora)  
Universidade Federal do Tocantins - UFT

Profa. Dra. Adriana Carvalho Capuchinho (Examinadora)  
Universidade Federal do Tocantins - UFT

Profa. Dra. Alessandra Cristina Rigonato (Examinadora)  
Universidade Federal do Tocantins - UFT

## AGRADECIMENTOS

Ingressei na graduação de Letras por amar a literatura, mas sem saber qual seria meu foco nos estudos literários. Chegar na escolha do meu objeto de pesquisa, o romance *Pessoas normais*, foi um longo processo cheio de batalhas, leituras e muito aprendizado. Esse artigo é resultado de muito esforço, mas também é resultado de um sonho antigo de uma leitora que sempre quis fazer da literatura seu trabalho.

Começarei agradecendo a melhor orientadora que eu poderia ter tido. Lembro que quando tive a primeira aula com a professora Rejane Ferreira meus olhos brilharam, naquele primeiro dia eu tive a certeza de que precisava aprender mais com ela. Professora Rejane, muito obrigada pelo apoio, pela orientação e, principalmente, pela paciência. Sem sua orientação e ajuda esse trabalho não teria saído da minha cabeça (risos). Meu muito obrigada por acreditar em *Pessoas normais* junto comigo e pelas muitas palavras de incentivo.

Também tive fiéis amigos que estiveram comigo nos momentos de desânimo. Meu muito obrigada para: Ada, Leandro, Matheus, Clara e Gustavo. Nunca vou me esquecer do apoio e companheirismo de todos vocês. Obrigada pelas risadas, desesperos, lágrimas e estudos no laboratório de línguas.

Aos professores que marcaram minha formação acadêmica, gostaria de agradecer do fundo do coração a Jaqueline Lima, Lívia Chaves, Fábio Sandes e Adriana Capuchinho. Nunca vou me esquecer das aulas de vocês e de como cada um me inspirou a ser uma professora melhor.

Aos meus pais Rosilene e Adailton, obrigada pelo apoio nos momentos mais difíceis e pela compreensão em todas as vezes que não pude ajudá-los por estar fazendo algo da faculdade. Meus irmãos Thiago, Sophia e Hudson, vocês são os melhores irmãos do mundo, obrigada por entenderem sempre que eu pedia silêncio (risos). A minha tia Marineides e prima Laura, nós só não moramos na mesma casa, mas vocês duas também são minha família. Serei eternamente grata a todos vocês.

As professoras Adriana Capuchinho e Alessandra Rigonato, por terem aceitado participar desta banca e compartilhar seus conhecimentos comigo, muito obrigada!

## RESUMO

Este trabalho se dispõe a analisar como os traumas oriundos de violência doméstica marcam profundamente a personalidade de Marianne, uma das protagonistas do romance irlandês *Pessoas normais*, escrito por Sally Rooney. A partir das agressões físicas, morais e psicológicas por parte de seu pai, mãe e irmão, a personagem naturaliza o amor associado a agressões e, por isso, começa a se interessar por apanhar durante as relações sexuais com seus namorados. Nossa análise consiste em um levantamento inicial dos tipos de violência que Marianne sofre para em seguida tentar entender o comportamento dela em suas relações amorosas. Fundamentamos nossas ideias sobre trauma em Dione Zavaroni e Terezinha Viana (2015), sobre o amor em Erich Fromm (1971) e utilizamos Anne Fogarty (2002) para mostrar que a relação entre Marianne e sua mãe é reflexo da sociedade irlandesa vigente.

**Palavras-chaves:** Família; Violência Doméstica; Trauma; Irlanda.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze how trauma resulting from domestic violence deeply mark the personality of Marianne, one of the protagonists of the Irish novel *Normal People*, by Sally Rooney. From the physical, moral and psychological aggressions on the part of the father, mother and brother, the character naturalizes the love associated with aggressions and, therefore, becomes interested in being beaten up during intercourse with boyfriends. Our analysis consists of an initial survey of the types of violence Marianne suffers, and then trying to understand her behavior in her love relationships. We base our ideas on trauma in Dione Zavaroni and Terezinha Viana (2015), on love in Erich Fromm (1971) and we use Anne Fogarty (2002) to show that the relationship between Marianne and her mother is a reflection of current Irish society.

**Key-words:** Family; Domestic Violence; Trauma; Ireland.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>VIOLÊNCIA E TRAUMA .....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>19</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar os traumas e as relações familiares de Marianne, uma das protagonistas do romance *Pessoas Normais*, escrito pela irlandesa Sally Rooney. Quando criança, Marianne apanhava de seu pai e muitas vezes o via bater em sua mãe que nunca se defendia ou protegia a filha. Após a morte do pai, as violências físicas sofridas por Marianne seguem por parte de seu irmão enquanto sua mãe permanece omissa. Além da violência física, Marianne também era vítima de violência moral e psicológica, inclusive de sua mãe. Esses transtornos familiares fizeram com que a personagem tivesse dificuldade de se relacionar tanto em casa quanto com as pessoas fora do âmbito familiar. Marianne passou a fase escolar muito isolada e sem amigos. Na universidade, já vivendo em outra cidade, Marianne consegue fazer amigos e namorar, porém tem dificuldade de entender relações não agressivas com as pessoas.

A análise de nossa pesquisa será fundamentada nas ideias de Zavaroni e Viana (2015) sobre trauma, como também de Strey (2007) sobre os estudos de gênero, família e sociedade. Também utilizaremos a análise de Fogarty (2002) acerca da relação de mãe e filha na sociedade irlandesa contemporânea, entre outros.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar os traumas e a relação familiar de Marianne para tentar compreender os relacionamentos amorosos que ela tem ao longo de sua vida. Para tal, temos os seguintes objetivos específicos: investigar quais foram as violências e traumas vivenciados por Marianne por parte de sua família; analisar o resultado que as violências causaram nos seus relacionamentos com namorados; verificar de que maneira Marianne é tóxica para si mesma e para os outros.

Assim, faremos um levantamento dos tipos de violência que Marianne sofreu e como essas agressões trouxeram traumas para vida da personagem. Também analisaremos como as agressões de seu irmão e o silêncio de sua mãe influenciaram nas decisões que ela tomou acerca de seus relacionamentos.

## 2 VIOLÊNCIA E TRAUMA

Iniciaremos levantando os tipos de violências e traumas sofridos por Marianne, em seguida, traremos reflexões sobre como a relação dela com a família resultou em diversas sequelas emocionais e como elas influenciaram seus relacionamentos amorosos. De acordo com a *Declaração sobre Eliminação da violência Contra as Mulheres* realizada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (1993), a violência física, sexual e psicológica são as principais violências cometidas contra as mulheres em geral, no entanto, não se limita somente a esses três tipos. A Declaração por meio de seu artigo 1º definiu violência contra a mulher como:

qualquer ato de violência de gênero do qual resulte, ou possa resultar, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico para as mulheres, incluindo ameaças de tais atos, a coerção ou a privação arbitrária de liberdade, que ocorra, quer na vida pública, quer na vida privada<sup>1</sup> (ONU, 1993, p. 3).

É comum essas agressões serem oriundas dos maridos, porém no romance *Pessoas normais*, Marianne, uma das protagonistas do livro, sofre agressão de toda sua família. As agressões começam na infância quando presencia o pai batendo na mãe e é agredida por ele também. Seu irmão mais velho não só comete violência física para com Marianne, mas psicológica e moral. A mãe sabe de tudo que a filha passa desde a infância e nunca demonstrou interesse por ela ou tentou protegê-la, ao contrário, ela acha que Marianne merece e é culpada por provocar o irmão. As agressões sofridas pela protagonista resultaram em alguns traumas. De acordo com Peres et al:

“Trauma”, em sua raiz etimológica grega, significa lesão causada por um agente externo. Esse conceito migrou ao campo psicológico, e, conseqüentemente, supõe-se com frequência que um trauma ocorre quando as defesas psicológicas naturais são transgredidas. [...] A maneira como as pessoas processam o evento estressante após sua ocorrência é determinante para que o trauma seja configurado ou não (2005, p.133).

A relação que Marianne tem com sua família é baseada em diversas demonstrações de violência que acarretaram em alguns traumas na vida da personagem. Strey (2007) afirma que a família tem lugar privilegiado na formação da psique humana e pode ser o lugar que transmite as primeiras e profundas noções sobre violência doméstica, principalmente violência de gênero. A autora reforça que um circo de horrores se inicia quando as relações

---

<sup>1</sup>means any act of gender-based violence that results in, or is likely to result in, physical, sexual or psychological harm or suffering to women, including threats of such acts, coercion or arbitrary deprivation of liberty, whether occurring in public or in private life

familiares são mantidas com a pedagogia da violência, quando os conflitos familiares são resolvidos por esse meio, por exemplo:

O marido bate na mulher, a mulher bate nos filhos, os filhos e as filhas brigam entre si e com os demais, todos e todas utilizando estratégias violentas. E todos e todas aprendem que violência pode ser uma estratégia bastante válida e, às vezes, única, para seguir adiante na vida. (Strey, 2007, p. 32).

As violências doméstica e de gênero que Marianne sofreu começaram dentro de casa. Sua mãe, Denise, sofreu violência doméstica por parte de seu marido e permaneceu calada enquanto ele também agredia a filha. É importante ressaltar que a realidade na qual a mãe de Marianne estava inserida é reflexo de uma herança cultural irlandesa, muito provavelmente Denise passou pelas mesmas situações que a filha. Segundo Rejane de Souza Ferreira (2014) o silêncio das mulheres irlandesas é opressor e em muito limita a discussão de certos assuntos e, conseqüentemente, a busca por solução. A forma que a mãe de Marianne lida com as agressões que sofre “refletem parte do silêncio que paira no país com relação à vida privada das famílias irlandesas” (BONNET; FERREIRA, 2021. p. 1). Marianne aprendeu com a mãe que era aceitável que homens usassem de agressão contra ela, Denise permitiu que isso acontecesse quando a filha ainda era criança e isso deixou marcas profundas em Marianne, como podemos observar:

Mas não teria importância se ela contasse para a mãe, na verdade. Denise decidiu muito tempo atrás que é aceitável que homens usem de agressividade contra Marianne como forma de expressão. Quando criança, Marianne resistia, mas agora simplesmente se desliga, como se não tivesse relevância para ela, o que de certo modo é verdade. Denise considera isso um sintoma da personalidade frígida e detestável da filha. Acredita que Marianne não tem “calor humano”, que para ela é a capacidade de implorar o amor de gente que a odeia. (ROONEY, 2019, p. 69)

Em diversos trechos do livro conseguimos observar que a mãe tinha consciência das agressões que a filha sofria pelo pai, e, posteriormente, pelo irmão. Denise nunca tomou nenhuma atitude para resolver essas questões, pelo contrário, culpava a própria Marianne pelas agressões ou tratava como algo natural entre irmãos. Um exemplo disso é quando o irmão de Marianne grita e cospe nela, a mãe debocha do assunto como sendo uma "rixa entre irmãos": “Denise deu um sorriso de lábios contraídos. Se você não aguenta um pouco de rixa entre irmãos, não sei como vai aguentar a vida adulta, querida, ela disse” (ROONEY, 2019, p. 146). Sobre a figura da mãe associada ao trauma na sociedade irlandesa, Anne Fogarty (2002) comenta:

Deve-se reconhecer que as linhas de continuidade entre mães e filhas na escrita da Mãe irlandesa são igualmente rompidas e problemáticas. A figura da mãe também se torna associada ao trauma de um passado que não pode ser enterrado nem resolvido e à luta da filha para criar identidade diante de um sentimento de ilegitimidade e impotência.<sup>2</sup> (FOGARTY, 2002, p. 86)

No início da trama notamos que Marianne vem de uma família aparentemente estável, pois embora seu pai já tivesse morrido, a família contava com boas condições financeiras e a mãe mantinha seu ofício de advogada. Entretanto a violência estava presente na casa dela desde muito nova. Marianne passou a infância solitária, se escondendo da família e tentando ficar invisível.

Passou grande parte da infância e da adolescência criando esquemas complexos para se retirar do conflito familiar: ficando totalmente calada, mantendo o rosto e o corpo inexpressivos e imóveis, saindo silenciosamente da sala e indo para seu quarto, fechando a porta sem fazer barulho. Trancando-se no banheiro. Ficando longe de casa por um número indeterminado de horas, sentada sozinha no estacionamento da escola. Nenhuma dessas estratégias jamais se provou um sucesso. Na verdade, suas táticas só pareceram aumentar a possibilidade de que fosse punida como instigadora primária. Agora vê que sua tentativa de evitar o Natal em família, sempre um auge das hostilidades, será inserida no livro de contabilidade doméstica como mais um exemplo da conduta ofensiva de sua parte. (ROONEY, 2019, p. 195)

Strey (2007) argumenta que é da família que se espera o apoio emocional mais básico e íntimo. Marianne claramente não recebeu apoio emocional ou básico da mãe, levando em conta que o pai morreu e ficou só sua mãe para educá-la. A proteção e amparo que Marianne esperava da mãe desde criança nunca estiveram presentes. Sua mãe não a protegeu na infância quando Marianne era indefesa e ingênua, por que agora ela daria atenção para a filha? Erich Fromm afirma que “a mãe é o calor, a mãe é o alimento, é o estado eufórico de satisfação e segurança”. (FROMM, 1971, p. 63) Marianne nunca se sentiu segura com sua mãe. A convivência de Denise em relação às agressões do marido no passado deixou marcas no presente da filha. Marianne começou a naturalizar as agressões masculinas e se desligar dessas situações foi a maneira mais fácil que encontrou para suportar sua realidade. A personagem relata que começou a sofrer violência física e psicológica de seu irmão mais velho, Alan. “Meu pai batia na minha mãe, ela conta. Por alguns segundos, que parece um tempo incredivelmente longo, Connell se cala. Então ele diz: Nossa. Eu sinto muito. Não sabia disso. Tudo bem, ela diz. Ele batia em você? Às vezes” (ROONEY, 2019, p. 48). Ao

---

<sup>2</sup>By the same token, however, it must be recognized that the lines of continuity between mothers and daughters in Mother Irish writing are similarly broken and problematic. The figure of the mother also becomes associated with the trauma of a past that can neither be buried nor resolved and with the struggle of the daughter to create an identity in the face of an overwhelming sense of illegitimacy and disempowerment.

longo da narrativa, Marianne relata que as agressões aconteciam desde criança e continuaram na adolescência. Durante a história, conseguimos observar diversas vezes em que o irmão, Alan, a tratou com arrogância e a agrediu. As demonstrações violentas vinham carregadas de abusos psicológicos e ameaças. No que se refere a violência psicológica, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) sustenta:

[a]ção ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal (n.p.)

Zavaroni e Viana (2015, p.333), afirmam que todo trauma está associado a um acontecimento. Os traumas da protagonista estão fortemente ligados às agressões que sofria, principalmente por parte de seu irmão. Doin (2005, apud Zavaroni e Viana, 2015) aponta que “o conceito de trauma passou a incluir agressão de vários tipos, acabando por significar qualquer outro fator patogênico, qualquer conceito grave, mais ou menos circunscrito, único ou repetitivo, ou mesmo qualquer situação crônica danosa”. Marianne não sofria só agressões físicas, mas diversas ameaças, humilhações e intimidação do irmão. Algumas vezes ela relata que ficava com medo, porém, com o passar do tempo, descreve as agressões como algo natural e corriqueiro em sua casa, vejamos:

Não é de estranhar que você não tenha amigos, você não consegue nem ter uma conversa normal.

Isso mesmo.

Você devia ouvir o que o pessoal da cidade fala de você.

Sem querer, porque essa ideia lhe soou bastante ridícula, ela gargalhou. Enfurecido, Alan a puxou com violência da pia pelo braço e, aparentemente de forma espontânea, cuspiu nela. Então soltou seu braço. Uma gota visível de cuspe aterrissou no tecido de sua saia. Uau, ela disse, que nojo. Alan se virou e foi embora da cozinha, e Marianne voltou a lavar a louça. Ao botar a quarta xícara no escorredor, ela notou um tremor brando, mas perceptível na mão direita (ROONEY, 2019, p.144, 145).

Apesar de todas essas demonstrações de agressão, ela sentia que a violência psicológica era o mais difícil. No trecho a seguir ela afirma que a desmoralização psicológica era a pior parte para ela:

*Às vezes eu acho que devo merecer mesmo.* Do contrário, não sei por que isso aconteceria. Mas se ele está de mau humor, ele fica me seguindo pela casa. Não tenho o que fazer. Ele simplesmente vai entrando no meu quarto, não interessa se eu estou dormindo nem nada.

Connell esfrega a palma da mão no lençol.

Ele já te bateu?, ele pergunta.  
 Às vezes. Acontece menos desde que me mudei. Para ser sincera, eu nem ligo muito.  
 As coisas psicológicas são mais desmoralizantes.  
 Não sei como explicar, de verdade (ROONEY, 2019, p.183 - grifo nosso).

Marianne se sentia odiada pela família e não se sentia amada por ninguém. “Não sei por que não consigo fazer as pessoas me amarem. Eu acho que houve alguma coisa errada comigo quando nasci” (ROONEY, 2019, p. 182). Os traumas oriundos das violências sofridas por ela, fizeram com que Marianne achasse normal apanhar não só de seu irmão, mas achar natural que seus namorados fizessem o mesmo, desejando que eles batessem nela durante o ato sexual caso eles não o fizessem. Pela percepção de Marianne, o amor sempre vinha acompanhado de submissão e agressões físicas, afinal ela foi criada com demonstrações violentas das pessoas que mais deviam amá-la.

Os relacionamentos amorosos que Marianne se envolve ao longo da trama são tóxicos, marcados por agressões e abusos. O relacionamento que teve com Jamie, no início da faculdade, é um exemplo disso. Quando começa a se relacionar com ele, Marianne demonstra gostar de apanhar durante o ato sexual, mas percebemos que essa submissão vai além disso.

Só gosto de saber que eu me humilharia por alguém se a pessoa quisesse. Faz sentido? Não sei se faz, venho pensando nisso. Tem mais a ver com a dinâmica do que com o que acontece realmente. De qualquer forma, sugeri isso a ele, que eu tentasse ser mais submissa. E parece que ele gosta de me bater. [...] Às vezes ele me bate com o cinto. Ele gosta de me estrangular, coisas desse tipo.(ROONEY, 2019, p. 136).

Marianne deseja ser aceita e amada, para isso entende que precisa ser submissa e agredida. Seligman (2008) ressalta que o trauma é caracterizado por ser uma memória do passado que não passa. Esse comportamento de Marianne está ligada à forma com que sua família a tratava. Ela não cresceu em um lar cheio de amor, as memórias do passado que tem são de um lar agressivo, seus relacionamentos são um reflexo das memórias traumáticas que tem da infância e adolescência.

Levine (1999, p.15) salienta que o “trauma tem potencial para ser uma das forças mais significativas para o despertar e a evolução psicológica, social e espiritual”. O autor ainda afirma que “o modo como lidamos com o trauma (como indivíduos, comunidades e sociedades) influencia, em muito, a qualidade de nossa vida”. A forma que Marianne lida com as pessoas à sua volta é reflexo dos traumas que passou dentro de casa. Uma infância isolada, pai e irmão abusivos e uma mãe conivente resultaram em relacionamentos tóxicos e agressivos. Marianne não consegue ter um relacionamento saudável com as pessoas à sua volta, o amor para ela é baseado em violência, submissão e interesse.

O envolvimento amoroso que foi o ápice traumático para a personagem aconteceu quando ela se afastou de seus amigos que ficaram na Irlanda e se envolveu com Lukas na Suécia, quando lá ela estava para estudar alguns meses. Ambos iniciaram uma espécie de jogo sexual que incluía punições físicas e verbais caso Marianne descumprisse as regras enquanto o jogo estava acontecendo. Ela vivia uma depressão reconfortante e sentia alívio nessa relação: “Não é que goste da sensação, mas isso a alivia em certa medida. [...] Ela vivencia uma depressão tão intensa que é tranquilizante, come o que ele lhe diz para comer, experimenta não ter mais domínio do próprio corpo do que se fosse um lixo” (ROONEY, 2019, p. 190). Essa relação de submissão e as agressões que sofria por parte do Lukas, são traços comuns de trauma. Levine afirma: “O trauma pode destruir a qualidade de nossos relacionamentos e distorcer as experiências sexuais. Comportamentos sexuais compulsivos, perversos, promíscuos e inibidos são sintomas comuns de trauma” (LEVINE, 1999, p. 40).

Quando se envolveu com Lukas, Marianne o descreve como misterioso e mal-educado. Por não falar o idioma dos amigos de Lukas, Marianne não sabe sobre a reputação do rapaz. O envolvimento dos dois não é baseado em muitos diálogos, mas conseguimos observar que além de misterioso, Lukas usa Marianne para produzir fotos e vídeos dela nua ou em poses sensuais. De início com a permissão dela, depois, a situação se torna perigosa quando ele quer amarrá-la com fitas:

Não, ela diz.  
 Não dificulta sua vida.  
 Não quero fazer isso.  
 Eu sei, ele diz.  
 Ela inclina a cabeça para trás, evitando seu toque, e ele rapidamente põe a mão em torno do pescoço dela. [...] Ele pega o pano de novo e o enrola como uma venda em torno dos olhos dela. Até a respiração dela agora parece sofrida. Seus olhos ardem. Ele toca em sua bochecha com delicadeza com as costas da mão e ela fica enjoada. Está vendo, eu te amo, ele diz. E sei que você me ama.  
 Horrorizada, ela se afasta dele, batendo a cabeça na parede. Luta de punhos amarrados para tirar a venda dos olhos, conseguindo levantá-la o bastante para enxergar.  
 Qual é o problema?, ele diz.  
 Me desamarra.  
 Marianne.  
 Me desamarra agora senão eu chamo a polícia, ela diz (ROONEY, 2019, p. 197).

Nesse momento ela percebe que as agressões estão passando do limite. Marianne se dá conta de que aquilo não está confortável, não concorda mais com as agressões que Lukas pratica para com ela em nome da arte.

Um ano se passa e Marianne volta para a Irlanda e retoma o envolvimento que tinha com Connell, o outro protagonista da obra, com quem viveu um romance às escondidas durante o ensino médio. O relacionamento deles era cheio de idas e vindas. Ele foi seu

primeiro namorado e a trama termina sugerindo que eles continuarão indo e voltando de acordo com os percalços da vida. Connell e Marianne trocam e-mails e conversam sobre si no decorrer de todo o enredo, mesmo ambos se envolvendo com outras pessoas. Marianne se sente muito próxima de Connell e desenvolve uma relação de confiança com o rapaz. “Por alguns segundos, ficaram ali em silêncio, seus braços em volta dela, sua respiração na orelha dela. A maioria das pessoas viveriam suas vidas inteiras, Marianne pensou, sem se sentirem tão próximas de alguém” (ROONEY, 2019, p. 42).

Apesar de Connell ser o único namorado que não agride Marianne, ele também não a assume enquanto namorada. Isso deixa Marianne insegura de sua própria posição e da posição dele no relacionamento entre os dois. Fromm (1971) afirma: “Se um indivíduo é capaz de amar produtivamente, também ama a si mesmo; se só pode amar os outros, não pode amar, em absoluto”. Concluimos que Marianne não tem amor próprio, afinal ela não tenta conversar com Connell sobre a relação deles, pelo contrário, ela se martiriza sempre ou se culpa por ele não tocar no assunto. Marianne se submete a ficar esperando alguma iniciativa dele, mas essa iniciativa não vem e as coisas continuam do mesmo jeito. Apesar de os dois terem uma relação de namorados desde o ensino médio, nunca assumiram o envolvimento ou conversaram abertamente sobre o assunto.

Quando Marianne retorna da Suécia eles voltam a se relacionar, mas a relação fica estremecida quando Marianne pede para que ele bata nela durante o sexo e Connell se recusa.

Você vai me bater?, ela pergunta. Por alguns segundos ela não escuta nada, nem mesmo a respiração dele. Não, ele responde. Acho que não quero. Desculpa. [...] Você está bem?, ele pergunta. Desculpa não querer fazer aquilo, eu só acho que seria esquisito. Quer dizer, não esquisito, mas... sei lá. Não acho que seria uma boa ideia” (ROONEY, 2019, p. 235).

Levine comenta: “O trauma não resolvido pode nos tornar excessivamente cautelosos e inibidos, ou fazer-nos entrar em círculos cada vez mais apertados de re-atuação perigosa, vitimização e exposição ao perigo” (1999, p. 40). Mesmo tendo sentido medo das agressões de Lukas, Marianne pede que Connell seja violento com ela, porque com ele, ela tem uma relação de confiança. Ela tenta retomar o ciclo perigoso de relacionamentos baseado em agressões. Quando Connell não aceita agredi-la, conseguimos entender como Marianne se sente em relação a seus relacionamentos e a ela mesma. Marianne acha que está ficando louca.

Algo a invadira, ela não sabia o quê. Lembra do jeito como se sentia na Suécia, uma espécie de vácuo, como se não existisse vida dentro dela. Odeia a pessoa que se



tornou, sem sentir nenhuma capacidade de mudar algo sobre si. Ela é alguém que até Connell acha nojenta, ela já foi alguém que ele acha além do tolerável. [...] Agora sabe que com o passar dos anos Connell vem aos poucos ajustando-se mais ao mundo, um processo de adequação que tem sido regular, ainda que doloroso vez por outra, enquanto ela mesma vem se degradando, se distanciando cada vez mais da sanidade, virando algo irreconhecível de tão degradado, e eles não têm absolutamente mais nada em comum.

Marianne sente um vazio há muito tempo, ela não consegue seguir um relacionamento sem violência, o amor para ela é dessa forma, baseado em violência e agressões. Desde criança esse foi o tipo de amor que recebeu em casa e, posteriormente, o tipo de amor que buscou em outras pessoas. “Desde cedo sua vida foi anormal, ela sabe. Mas tanto foi encoberto pelo tempo, assim como as folhas caem e cobrem um pedaço de terra, e uma hora ou outra se misturam ao solo”(ROONEY, 2019, p. 238). Ela passou por muitos traumas na infância e adolescência, isso fez Marianne ser tóxica para si mesma e para os outros a sua volta, principalmente para seus namorados. Nas últimas páginas do romance conseguimos observar que ela ainda se culpa pelos erros do passado e se acha merecedora de todas as coisas ruins que passa. Mariane não consegue entender que não é culpada e nem merecedora das agressões de sua família. “Tenta ser uma boa pessoa. Mas no fundo sabe que é uma pessoa ruim, corrompida, errada, e todas as tentativas de ser correta, de ter as opiniões certas, de dizer as coisas certas, essas tentativas só disfarçam o que está enterrado dentro dela, sua parte malvada” (ROONEY, 2019, p. 238). Sobre o sentimento de culpa Markhan (2000) comenta: “pode ter um efeito imediato na vítima ou o mal que causa pode demorar para ser notado, mas uma coisa é certa: seja qual for o efeito prejudicial que tenha, sua potência aumenta com o tempo; ele nunca permanece estático”.

No final do romance conseguimos notar que Marianne começa a entender que precisa de ajuda em relação a seus traumas, ela percebe a força que eles exercem em sua vida e escolhas. Esse despertar de Marianne sobre si mesma deixa em aberto a possibilidade de ela superar e começar a ver os diferentes tipos de relação amorosa de uma outra forma.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Pessoas normais* aborda questões de violência doméstica e traumas nas relações familiares e amorosas de Marianne. A autora Sally Rooney tratou de assuntos delicados que estão presentes nas famílias irlandesas e são permeados de silêncio. Por meio da obra conseguimos observar a evolução desses traumas e como eles influenciaram a vida de Marianne.

Neste trabalho, buscamos analisar quais os tipos de violência a personagem sofreu dentro de casa e como os traumas oriundos dessas violências repercutiram nos relacionamentos amorosos da protagonista. Buscamos mostrar como esses traumas evoluíram desde sua infância e como seus relacionamentos tóxicos estavam ligados à forma como a personagem foi tratada dentro de casa.

Nossa pequena contribuição para a análise dessa obra riquíssima foca apenas em uma das protagonistas do romance em sua célula de conflito principal. Ainda pretendemos fazer, em circunstâncias futuras, outras análises da obra em que o outro protagonista, o Connell e os demais núcleos actanciais sejam explorados.

## REFERÊNCIAS

- FROMM, Erich. **A arte de amar**. Tradução: Milton Amado. Editora: Itatiaia, 1971.
- LEVINE, Peter A. **O despertar do tigre: curando o trauma**. Tradução: Sônia Augusto. São Paulo: Summus, 1999.
- MARKHAM, Ursula. **Trauma de infância: esclarecendo suas dúvidas**. Tradução: ZLF. São Paulo: Ágora, 2000.
- ROONEY, Sally. **Pessoas Normais**. Tradução: Débora Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FOGARTY, Anne. “The Horror of the Unlived live: Mother-Daughter Relationships in Contemporary Irish Women`s Fiction”. In: GIORGIO, Adalgisa (org). **Writing Mothers and Daughters: Renegotiating the Mother in Western European Narratives by Women**. New York: Berghahn Books, 2002.
- STREY, Marlene Neves. **Gênero, família e sociedade**. Disponível: Família e gênero - Marlene Neves Strey, João Alves da Silva Neto - Google Livros. Acesso em: 20/ 07/2021
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma. In: **Pro-posições**, Vol. 13, n. 3 (39), set/dez 2002, pp. 135-153.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.
- ZAVARONI, Dione de Medeiros Lula; VIANA, Terezinha Camargo. Trauma e infância: considerações sobre a vivência de situações potencialmente traumáticas. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Vol. 31, n. 3, Jul-Set 2015, pp. 331-338.
- RODRIGUES, Elaine Cristina Aguiar. **Violência familiar e a condição feminina em A mulher que ia contra as portas e Paula Spencer de Roddy Doyle**. 2019 Dissertação (Mestrado em Letras / Literatura). Universidade Federal do Tocantins.
- FERREIRA, Rejane de Souza. **Voz e consciência narrativa: a percepção da família pela perspectiva feminina em três romances irlandeses**. 2014. 226f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4221/5/Tese%20Rejane%20de%20Souza%20Ferreira%20-%202014.pdf>. Acesso em: 23/07/2021
- UNITED NATIONS. **Declaration on the Elimination of Violence Against Women**. 1993. Disponível em: <https://undocs.org/en/A/RES/48/104>. Acesso em: 24/07/2021
- PERES, J. et al. Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**. Maio/ago. p. 131-138. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/RpPy7Hd5LNqfWPPpD4BfqPM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27/07/2021

**CNJ – Conselho Nacional de Justiça. Formas de violência contra a mulher.** Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/violencia-contr-a-mulher/>. Acesso em: 20/07/2021